

As práticas tradicionais do benzer, curar e rezar: interfaces do desenvolvimento local na Rota Bioceânica

Traditional practices of blessing, curing, and praying: interfaces of local development on the Bioceanic Route

Prácticas tradicionales de bendición, curación y oración: interfaces del desarrollo local en la Ruta Bioceánica

Débora Fittipaldi Gonçalves¹
 Antonia Raquel Lima Camargo Zottos¹
 Nair Gonçalves Rech¹
 Kelly Vanessa Teixeira¹

Recebido em: 30/03/2026; aceito em: 31/03/2026
 DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v27i1.5417>

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre as práticas tradicionais do benzer, curar e rezar e suas interfaces com o desenvolvimento local no contexto da Rota Bioceânica. As práticas tradicionais, transmitidas por gerações, configuram-se como patrimônio cultural imaterial que resiste à modernidade e se articula com a construção de identidades coletivas. A pesquisa propõe analisar como tais práticas, enraizadas em comunidades de Mato Grosso do Sul, podem ser compreendidas não apenas como manifestações religiosas ou espirituais, mas como expressões sociais e culturais que contribuem para a sustentabilidade do desenvolvimento local. A Rota Bioceânica é abordada como espaço de intercâmbio, onde a valorização de saberes ancestrais fortalece as identidades e amplia a perspectiva de desenvolvimento territorial. Ao final, apresenta-se uma proposta de pesquisa, destacando a relevância de se compreender e preservar esses saberes no processo de integração regional latino-americana.

Palavras-chave: benzer, curar e rezar; identidade cultural; desenvolvimento local; Rota Bioceânica.

Abstract: This article aims to reflect on the traditional practices of blessing, curing, and praying and their interfaces with local development in the context of the Bioceanic Route. These traditional practices, passed down through generations, constitute intangible cultural heritage that resists modernity and intertwines with the construction of collective identities. The research proposes to analyze how such practices, rooted in communities of Mato Grosso do Sul, can be understood not only as religious or spiritual manifestations but also as social and cultural expressions that contribute to the sustainability of local development. The Bioceanic Route is approached as a space for exchange, where the valorization of ancestral knowledge strengthens identities and broadens the perspective of territorial development. Finally, a research proposal is presented, highlighting the relevance of understanding and preserving this knowledge in the process of Latin American regional integration.

Keywords: blessing, curing and praying; cultural identity; local development; Bioceanic Route.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las prácticas tradicionales de bendecir, curar y rezar y sus interfaces con el desarrollo local en el contexto de la Ruta Bioceánica. Las prácticas tradicionales, transmitidas por generaciones, se configuran como patrimonio cultural inmaterial que resiste a la modernidad y se articula con la construcción de identidades colectivas. La investigación propone analizar cómo tales prácticas, arraigadas en comunidades de Mato Grosso do Sul, pueden ser comprendidas no sólo como manifestaciones religiosas o espirituales, sino como expresiones sociales y culturales que contribuyen a la sostenibilidad del desarrollo local. La Ruta Bioceánica es abordada como un espacio de intercambio, donde la valorización de saberes ancestrales fortalece las identidades y amplía la perspectiva de desarrollo territorial. Al final, se presenta una propuesta de investigación, destacando la relevancia de comprender y preservar estos saberes en el proceso de integración regional latinoamericana.

Palabras-clave: bendecir, curar y rezar; identidad cultural; desarrollo local; Ruta Bioceánica.

A responsabilidade pela revisão textual e adequação linguística deste artigo é dos autores

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.



1 INTRODUÇÃO

As práticas de benzer, curar e rezar representam saberes ancestrais enraizados em tradições indígenas, africanas e europeias, presentes nas comunidades latino-americanas. Elas articulam espiritualidade, cuidado e pertencimento territorial, sendo expressões legítimas da diversidade cultural e do patrimônio imaterial que resiste ao tempo. Em muitas comunidades, essas práticas se configuram como formas de acolhimento, tratamento e sociabilidade, sustentadas por valores de solidariedade e reciprocidade, transmitidos oralmente entre gerações.

Frente à intensificação de grandes projetos de infraestrutura para escoamento da produção brasileira para a Ásia, temos como a Rota de Integração Latino-Americana (RILA ou Rota Bioceânica), corredor logístico que liga o Centro-Oeste brasileiro aos portos do norte do Chile, via Paraguai e Argentina, torna-se essencial compreender como esses saberes se inserem nas novas dinâmicas de desenvolvimento local. Mais que integração econômica, a Rota Bioceânica oferece oportunidade para reorganizar o papel dos territórios periféricos, incorporando práticas culturais às estratégias de sustentabilidade, turismo e valorização identitária.

O presente estudo, de natureza bibliográfica, propõe pesquisar como as práticas de benzer, curar e rezar podem contribuir para o desenvolvimento local ao longo do trajeto da Rota, associando-se à identidade cultural e à preservação de saberes tradicionais. Além disso, evidencia-se a relação entre essas práticas e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, em especial: ODS 1. Erradicação da Pobreza; ODS 3. Saúde e Bem-Estar; ODS 4. Educação de Qualidade; ODS 8. Trabalho Decente e Crescimento Econômico; ODS 10. Redução das Desigualdades; ODS 11. Cidades e Comunidades Sustentáveis; ODS 15. Vida Terrestre; e ODS 16. Paz, Justiça e Instituições Eficazes. Essa articulação demonstra que práticas ancestrais não apenas dialogam com agendas globais, mas também oferecem subsídios concretos para políticas públicas inclusivas e sustentáveis.

São muitos os caminhos que levam ao conhecimento, aos sujeitos das histórias, aos protagonistas que estão inseridos em diferentes contextos sociais e culturais e que, muitas vezes, permanecem invisibilizados. Nesta etapa, optou-se pelo estudo bibliográfico, repleto de conceitos, métodos e aprendizados que auxiliam na formulação de reflexões críticas sobre a relação entre práticas tradicionais e desenvolvimento local.

Conforme lembra Paulo Freire (2018), o processo de construção do conhecimento não deve restringir-se à repetição de palavras ou ao exercício abstrato, mas precisa colocar os sujeitos em condições de reexistenciar criticamente as palavras de seu mundo, para que possam, no momento oportuno, dizer a sua própria palavra. Essa perspectiva freiriana fortalece a compreensão de que a reflexão acadêmica sobre práticas tradicionais deve partir da escuta, do respeito ao lugar de fala e da valorização da experiência cotidiana.

A construção deste trabalho compreende as relações entre as culturas, o desenvolvimento local e as práticas de benzer, curar e rezar como elementos centrais no âmbito na Rota de Integração Latino-Americana (RILA). Nesse universo, saberes ancestrais se manifestam em rituais transmitidos pela oralidade, muitas vezes desprovidos de registros escritos, o que pode levar a interpretações equivocadas e à marginalização desses conhecimentos. Refletir sobre tais práticas implica, também, problematizar o papel do Estado diante da Rota, reconhecendo que os impactos do corredor transcendem a esfera econômica.

O patrimônio histórico, enquanto bem material, representa a memória e a identidade da cultura local. Reconstituindo narrativas, textos e contextos, contribui para a formação e a

manutenção dos patrimônios imateriais. O patrimônio natural e o cultural devem integrar-se e não se restringem a objetos: abrangem também práticas, saberes e tradições transmitidas entre gerações. Desse modo, o patrimônio cultural auxilia na preservação da memória coletiva de uma comunidade. O território, por sua vez, é tecido pelas construções históricas dos povos, expressas em distintas territorialidades e em múltiplas dinâmicas (Gonçalves, 2016).

Para além das implicações logísticas e infraestruturais, a Rota Bioceânica mobiliza processos socioculturais que afetam diretamente as comunidades locais, propondo novos desafios à preservação das identidades e práticas tradicionais, inclusive com a chegada e/ou intensificação das atividades de turismo. Dessa forma, mais que um corredor de integração econômica, a rota repercute de forma profunda nos territórios por onde passa, exigindo análises que transcendam os aspectos materiais do desenvolvimento e incluem dimensões culturais, sociais e identitárias, conectadas também ao turismo.

2 AS PRÁTICAS TRADICIONAIS AO LONGO DA HISTÓRIA: BENZER, REZAR E CURAR

As práticas tradicionais de cura de caráter espiritual e ritual no Brasil têm origem no período colonial e decorrem de um sincretismo entre matrizes indígenas, africanas e europeias. Nesse contexto, benzedeiras e curadores — reconhecidos socialmente como guardiões de saberes específicos — utilizam orações, gestos, plantas de uso medicinal e símbolos religiosos no cuidado de enfermidades físicas e questões de ordem espiritual, preservando procedimentos transmitidos oralmente entre gerações.

As benzedeiras e curadores, reconhecidos nas comunidades como detentores de saberes singulares, empregam orações, gestos, plantas medicinais e símbolos religiosos no tratamento de enfermidades físicas e espirituais. Segundo Lima (2010), o benzer transcende o aspecto religioso, constituindo-se como uma forma de cuidado comunitário, baseado em confiança, solidariedade e identidade coletiva. Já o ato de rezar, além da dimensão espiritual, estabelece vínculos de pertencimento, funcionando como elo entre passado, presente e futuro. O curar, nesse contexto, assume caráter holístico, integrando corpo, espírito e natureza.

Os traços da cultura são reconhecidos e conservados pelo povo através de gerações, transmitidos e apreendidos por estes por meio da gastronomia, costumes, crenças, artesanato, entre outras formas. Na troca de conhecimentos via aprendizagens abrem-se oportunidades para uma gama de novos conhecimentos, práticas e modos de vida.

Essas práticas sobrevivem ao tempo, mesmo diante da modernidade, porque se articulam com valores culturais profundos e com a experiência cotidiana das comunidades, que reconhecem nelas uma forma de resistência, preservação e produção de sentido.

Entre os povos indígenas, o uso de plantas medicinais, cantos e rituais de cura estabelecia uma relação direta com a natureza, compreendida como espaço sagrado e fonte de equilíbrio físico e espiritual. Já a herança africana trouxe consigo rezas, invocações e práticas de proteção espiritual, frequentemente vinculadas a orixás, entidades e rituais de matriz afro-brasileira. A tradição europeia, por sua vez, introduziu elementos do catolicismo popular, como a cruz, as ladainhas, as invocações de santos e as orações transmitidas dentro das famílias.

O sincretismo religioso possibilitou a fusão de elementos dessas tradições, gerando práticas híbridas que atravessaram gerações. A benzedeira, por exemplo, é figura reconhecida no imaginário social brasileiro como aquela que, por meio de rezas, gestos e uso de ramos de plantas

e/ou alguns objetos específicos como chaves, terços entre outros, exerce o cuidado espiritual e a mediação entre o mundo visível e o invisível. Conforme observa Itamar da Silva Lima (2010), o benzer não se limita a um ato religioso, mas representa um cuidado social que fortalece laços comunitários e oferece alívio físico e emocional.

O ato de rezar também transcende a dimensão litúrgica, assumindo papel identitário nas comunidades. A reza pode ser individual ou coletiva, mas em ambos os casos funciona como elo de pertencimento e esperança, sustentando os vínculos entre os sujeitos e suas tradições. As rezadeiras, assim como as benzedadeiras, cumprem um papel de guardiãs da memória cultural, transmitindo orações que frequentemente não são registradas em documentos escritos, mas que circulam pela oralidade.

A prática do curar, nesse contexto, deve ser compreendida de forma holística. O curador popular não atua apenas sobre o corpo, mas também sobre a alma e o ambiente, reconhecendo a interdependência entre ser humano, natureza e espiritualidade. Essa visão integral antecipa conceitos contemporâneos de saúde que reconhecem dimensões físicas, psicológicas e sociais do bem-estar.

A perpetuação dessas práticas está diretamente relacionada à oralidade. Muitas orações, simpatias e rituais são repassados de mães para filhas, de avós para netos, de mestres para aprendizes, em um processo contínuo de transmissão cultural. Essa ausência de registro escrito, embora constitua um risco para a preservação, reforça o caráter comunitário e identitário do saber, que se legitima pelo uso e pela confiança social.

Ao longo da história, as práticas de benzer, rezar e curar sofreram processos de marginalização. Muitas vezes associadas ao atraso, à superstição ou ao misticismo, foram invisibilizadas por modelos de modernização que priorizaram o conhecimento científico e biomédico. No entanto, sobreviveram pela força simbólica e pelo valor atribuído pelas comunidades que delas dependiam. Em tempos mais recentes, essas práticas vêm sendo reinterpretadas como patrimônio imaterial, em diálogo com políticas culturais de preservação e com debates sobre diversidade e identidade.

Dessa forma, compreender o lugar histórico dessas práticas é essencial para analisar sua relevância no presente, sobretudo em contextos de transformação territorial como o da Rota Bioceânica. Elas não são meros resquícios do passado, mas expressões ativas que continuam a oferecer respostas sociais, espirituais e culturais às comunidades que as mantêm vivas.

A historicidade das práticas de benzer, rezar e curar revela um campo de diferenças simbólicas e normativas em que regimes de verdade distintos o científico, o religioso e o tradicional e popular, negociam. Desde o período colonial, a medicina europeia conviveu, com curadores indígenas, rezadeiras e parteiras, ensejando processos de repressão, tolerância pragmática e, em certos momentos, cooperação tácita. Essa tessitura explica por que, apesar de perseguições pontuais, os saberes populares se mantiveram resilientes e socialmente relevantes.

No contexto histórico do período colonial, no qual a concepção de doença e saúde era equiparada ao castigo e à dádiva divina, o recurso para o combate das doenças também se fundamentava em um viés religioso. Assim, eram feitas as práticas de benzeção, rituais nos quais se amalgamaram conhecimentos sobre os aspectos da natureza aos conhecimentos empíricos de mulheres de diferentes culturas (indígena, africana e portuguesa) e às diferentes concepções religiosas, como pontua a historiadora Mary Del Priore:

A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais

e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administrava. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, a as cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira (Priore, 2004, p. 74-75).

Foi no período colonial que se precisa o possível surgimento das práticas de benzeções no Brasil, período no qual se encontravam influências da cultura africana (advindas dos africanos que foram escravizados), dos saberes empíricos dos aborígenes quanto à flora brasileira e seus rituais de cura. Ocorreu, então, uma mescla com a religiosidade portuguesa, com o catolicismo imposto pela coroa portuguesa.

Não houve por parte dessas mulheres a intenção de desafiar e equiparar-se às autoridades médicas e eclesiásticas da época, muito pelo contrário, percebe-se que a benzeção nada mais era do que um recurso imediato e eficaz para o combate de doenças cotidianas que foram crescendo graças à escassez e ineficácia da medicina tradicional da colônia. Foi justamente a eficácia de suas práticas que despertou a fúria dos médicos e padres da época, que se sentiram ameaçados por essas mulheres que, mesmo sem terem conhecimentos eruditos sobre curas e doenças, eram capazes de curar várias mazelas do cotidiano e ganhavam cada vez mais a confiança do povo que sempre recorria às suas práticas para se livrar de diversas mazelas. Assim, "curandeiras e benzedadeiras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões." (Priore, 2004, p. 64).

Na atualidade, parece não haver muitos pontos em comum entre religião e medicina, no entanto, ao longo da história, ambas compartilhavam espaços e andavam atreladas. Mesmo hoje em dia, vários nomes de grandes hospitais homenageiam santos católicos e não é raro nos depararmos com imagens de santos pelos corredores dos hospitais pelo Brasil afora. Tal fato nos evidencia a herança do pensamento em vigor no período colonial, que acreditava que as causas das doenças eram intimamente ligadas aos castigos divinos pelos pecados supostamente cometidos. De tal forma que doença e cura eram também assunto da esfera religiosa.

Mesmo na contemporaneidade, acredita-se que existam males exclusivamente de ordem espiritual, psíquica, e que para esses males exista a cura por um viés religioso, no qual a benzeção se insere.

Quando se fala em religião e em medicina popular é válido salientar as influências ocorridas na época da Colonização que originaram o que hoje chamamos de benzeção (Priore, 2004). Herdamos dos índios os ensinamentos das ervas, usando-as como aliadas para afastar mazelas, assim como faziam os pajés. Dos africanos herdamos a cultura do canto, da dança e dos cortejos de nossos santos e festas com cores e alegria. Como influência portuguesa, temos a religião católica predominante no Brasil. O que não significa dizer que os ritos de rezas sejam então puramente a junção dessas influências, mas sim, considerá-las no sentido de contribuição para sua formação.

No período colonial, a benzedeira, também conhecida como curandeira e rezadeira, era a substituta dos médicos (que eram escassos, principalmente fora das capitânicas), era a primeira opção de intervenção contra vários tipos de mazelas. Detentoras de conhecimentos empíricos sobre as propriedades medicinais das ervas, mesclavam fé, orações, gestos e palavras sagradas em busca da cura das enfermidades incapazes de serem curadas pelos cuidados dos escassos médicos da Colônia.

Religião e medicina estavam interligadas no que diz respeito às doenças e às curas. As doenças eram vistas como castigos e punições divinas e a cura era concebida como equilíbrio

entre o corpo e a alma. Igreja e medicina afinadas em seus discursos sobre a origem da doença e da cura sentiram-se ameaçadas com as práticas de cura promovidas pelas benzedadeiras, que acabaram sendo visadas pelo poder eclesiástico e pelos médicos.

No entanto, por desenvolver um importante papel no âmbito da saúde, a figura da benzedeira sempre gozou de prestígio social, como bem aponta Del Priore (2004, p. 92): "[...] apesar das tentativas da Igreja para se tornar o médico das almas e dos corpos dos pecadores-doentes, curandeiras e benzedadeiras eram consideradas da maior importância no contexto comunitário, inspirando epigramas cheios de temor e respeito."

Por mais que as benzedadeiras tenham absorvido os conhecimentos das ervas e plantas medicinais de uma forma empírica, no que diz respeito às propriedades curativas delas, não diferem do conhecimento erudito que se tem sobre elas, como bem observa Del Priore (2004, p. 90): "Tanto na medicina informal como na medicina erudita, as referências a plantas são uma forma de agressão ao mal, à doença que se submete, assim, à vontade da oficiante." que elas fazem, no entanto, é ressignificar os processos de cura das mazelas cotidianas e para isso, combinam os seus saberes sobre medicina popular, religiosidade e crença. Dessa forma,

Oliveira (1985, p. 25) as define: "Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina o místico da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular". As práticas de benzeção evidenciam-nos a existência de outros caminhos para manter-se a saúde e a religiosidade, que podem se diferenciar dos caminhos impostos pela sociedade.

As benzedadeiras, hoje vistas com bons olhos pela comunidade, representam caridade e benevolência. Suas práticas já foram muito hostilizadas em vários períodos ao longo da história, entretanto, percebe-se que existe atualmente um movimento de legitimação dessas práticas que tende a não entrar em conflito com a medicina oficial da qual elas também fazem uso, quando possível e necessário. Todavia, as benzedadeiras acreditam que existem males de cunho sobrenatural que a medicina tradicional não consegue curar.

Sobre a forma de apropriação da medicina popular, Nascimento (2010) ressalva:

No contexto das rezas populares, a utilização da medicina popular está baseada na experiência das rezadeiras a partir da utilização simbólica dos ramos, água e óleos. Os ramos usados nos rituais de cura são: o pião roxo, a vassourinha, ou qualquer outra planta que for cultivada no seu quintal. Na verdade, os ramos são símbolos que destroem o mal e têm a função de absorver a energia negativa impregnada no doente. Dessa forma, as rezadeiras, ao fazerem movimentos rápidos e compassivos em forma de cruz, envolvem todo o corpo do doente, num processo de 'limpeza' e depuração (Nascimento, 2010, p. 37).

Por mais patriarcal que seja a nossa cultura, a presença da mulher sempre foi, e ainda é, marcante no âmbito da cura, já que a ela se destinava o cuidado com a casa, a horta, o bem-estar e a higiene de sua família. Assim, no contexto das benzeções não poderia ser diferente.

Segundo Gomes e Pereira (1989, p. 16): "[...] a presença da mulher é marcante no mundo da crendice e é ela, numa maioria quase que absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal".

Dentro das limitações que lhe cabiam, a mulher esteve sempre ligada ao âmbito da saúde. Há bem pouco tempo, na década de 30, o parto era um evento feminino, comandado e dirigido por mulheres. De um modo geral, na sua imensa maioria, as parteiras estão ligadas a outras formas de cura, como por exemplo, a benzeção.

Curiosamente, no cenário da obstetrícia, a mulher foi perdendo sua atuação e passou a crer que as intervenções médicas eram necessárias, mesmo quando não havia nenhum risco eminente ao parto. Assim, de uma maneira intrigante, a parteira foi desaparecendo e, conseqüentemente, a atuação de protagonista da própria parturiente. Essas mudanças de ordem cultural acontecem em diferentes momentos históricos e afetam também a ordem social de um povo. Contudo, mesmo que hoje em dia seja rara a participação das parteiras nos nascimentos de bebês, a benzedeira ainda é uma figura presente e atuante no que diz respeito à saúde e bem-estar da sua comunidade.

No universo das religiões é comum a existência de palavras sagradas, às quais se dedica um cuidado ao proferi-las, restringindo o lugar e a pessoa a quem possa ser dirigido tal enunciado, sob pena de perder sua força dentre outras punições. Existe a crença de que a palavra sagrada, proferida no rito da benzeção, deve-se manter inalterada para não perder sua força, seu poder.

No candomblé, assim como nas práticas de benzeção, em que os ensinamentos são passados através da oralidade, a palavra também é imbuída de poder, inclusive mantém vários preceitos em sigilo, os quais podem ser compartilhados apenas com iniciados dessa religião.

Verger (2004), a respeito do mistério que envolve o mundo da enunciação em contexto religioso, esclarece-nos:

Na cultura africana tradicional, saber o nome de uma pessoa ou coisa significa que elas podem, até certo ponto, serem controladas... Entre os lorubás, a preparação dos remédios e trabalhos mágicos deve ser acompanhada de encantações (ofo) com o nome de plantas, sem as quais esses remédios e trabalhos não agiriam. A transmissão oral do conhecimento é considerada o veículo do axé das palavras, que permanecem sem efeito em um texto escrito. Palavras para que possam agir devem ser pronunciadas (Verger, 2004, p. 35).

Sob essa perspectiva, podemos pensar que as palavras ditas pelas benzedeadas no momento da benzeção designam uma ação, que tem como reação a cura. Letícia Grala Dias (2013, p. 118), ao abordar as benzedeadas de Florianópolis em sua dissertação de mestrado, "O poder da e na voz delas: benzedeadas da Ilha de Florianópolis/SC", enfatiza: "É a voz da benzedeadas que lançará o enunciado, efetivando a ação. A voz., portanto, personifica a ação, não apenas a veicula."

Através da oralidade, as palavras proferidas (mesmo que não vocalizadas) pelas benzedeadas no ato das benzeções, adquirem um valor ilocucionário, carregadas de sentidos sagrados que as tornam capazes de curar, devolver o equilíbrio e estabelecer a ordem. Assim, a palavra proferida por elas indica, sobretudo, uma ação, uma poderosa ação de cura e de mudança de ordem, capaz de restabelecer o equilíbrio.

3 A RELAÇÃO ENTRE DESENVOLVIMENTO LOCAL, ROTA LATINO-AMERICANA (RILA) E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DAS PRÁTICAS TRADICIONAIS

O desenvolvimento local, conforme Boisier (2001), deve ser entendido como um processo multidimensional, que vai além da economia e inclui aspectos sociais, culturais e políticos. Nesse sentido, a Rota de Integração Latino-Americana (RILA) e, em especial, a Rota Bioceânica, representam mais do que um corredor logístico: são também espaços de encontro, intercâmbio cultural e valorização de identidades.

[...] o desenvolvimento local é indispensável, pois as ações estabelecidas sobre o plano cultural e turístico devem repercutir diretamente na vida dos habitantes, em suas condições econômicas e

sociais, no futuro dos territórios, sendo respeitados os componentes naturais e humanos (Mazuel, 2000, p. 99-100).

Segundo Raffestin (1993) a territorialidade, deve ser entendida como a maneira em que os sujeitos e grupos sociais criam e tomam para si o espaço, dando a ele sentidos e valores que vão além de sua forma física. Territorialidade de acordo com Haesbaert (2004) não é só material; mas também simbólica, unindo identidades e várias escalas de pertencimento. Milton Santos (2000) também fala que terras são feitas historicamente e socialmente sendo fruto da ligação entre espaço e sociedade. Portanto o território se torna um lugar vivido permeado por sinais comuns que ajudam a guiar ações e estratégias de desenvolvimento no local.

Ao atravessar territórios tradicionais, a Rota conecta diferentes povos e práticas culturais, permitindo visibilidade às expressões imateriais, como o benzer, curar e rezar. Essa valorização dialoga com a perspectiva de Sen (2000), para quem o desenvolvimento deve ser compreendido como ampliação de liberdades, incluindo o direito à preservação cultural e à valorização dos saberes locais.

O desenvolvimento local contém um componente endógeno relevante, diretamente relacionado à trajetória cultural e histórica dos territórios enquanto lugares ocupados por um povo; nessa ótica, o patrimônio constitui uma expressão visível da memória coletiva materializada em objetos e práticas significativas e atua como símbolo que evidencia como os processos socioculturais presentes se assentam no passado, com o qual dialogam continuamente, ao mesmo tempo em que o redefinem e por ele se redefinem (Dias, 2006).

No cenário da Rota Bioceânica, a territorialidade ganha importância ao mostrar como os vários povos organizam e expressam suas práticas em meio ao processo de integração regional. Como diz Haesbaert (2004), as territorialidades se juntam e se entrelaçam, criando espaços misturados e complexos. Essa dinâmica fala com a ideia de Raffestin (1993), para quem o território vem de relações de poder e mediações sociais.

Assim, a Rota, ao passar por comunidades tradicionais e fronteiriças mostra laços afetivos e sócio culturais enraizada no território permitindo que a passagem pessoas e bens seja acompanhada da circulação símbolos memórias identidades. Complementado o conceito, Catherine Walsh (2001, p. 10-11), acrescenta: desenvolvimento é um processo global e dinâmico “[...] entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença”.

Assim, a identidade cultural das comunidades inseridas na Rota Bioceânica pode ser fortalecida na medida em que políticas públicas e iniciativas acadêmicas reconheçam as práticas tradicionais como patrimônio vivo, essencial à sustentabilidade social e ao desenvolvimento local.

Segundo Mattedi (2015), discutir o desenvolvimento regional implica articular atributos relacionais, cuja associação possibilita identificar dimensões da realidade a partir do contraste entre fatores heterogêneos. Além disso, entender a relevância do território na sustentabilidade significa valorizar a maneira de viver locais e aumentar a habilidade das comunidades em cuidar de seus próprios espaços.

Para Santos (2000) o território usado é a base material e simbólica sobre a qual se constroem as práticas sociais sendo inseparável da vida dia a dia, Haesbaert (2004) adiciona que entender essas várias territorialidades é chave para evitar processos de exclusão e desterritorialização. Assim uma área específica firmam sua presença como sustentação para políticas que buscam alinhar a integração feitas pela Rota às necessidades sociais dos território que ela liga.

3.1 Transformações geopolíticas e processos de conscientização

As mudanças geopolíticas impulsionadas pela Rota Bioceânica reorganizam territórios, redefinem fronteiras e estabelecem novos fluxos de poder. Para Freire (2018), em contextos de transformação social, é essencial promover a conscientização crítica, de modo a evitar que os sujeitos sejam meros receptores de decisões externas.

A compreensão dessa visão diz que “[...] é preciso a consideração das diversas dimensões constituintes das relações sociais, ou seja, a cultura, a economia e a política e, igualmente, do espaço natural e social [...]” (Bloss, 2000, p. 203). Assim, o reconhecimento e a valorização das práticas de benzer, curar e rezar representam não apenas a preservação de tradições, mas também um processo de resistência cultural. Essas práticas, quando integradas ao debate sobre desenvolvimento local, contribuem para que as comunidades não sejam silenciadas, mas atuam como protagonistas na construção de um projeto de integração que contemple sua diversidade.

Recorrendo a Gonçalves (2016), estas articulações e diálogos sobre as culturas e seus valores, precisam estar constantemente articuladas com o coletivo, para implementar as questões de desenvolvimento, pois está interligado às questões culturais, históricas e geográficas de um povo/comunidade, conectando o patrimônio imaterial do passado e trazendo para presente, sendo assim, compreende-se que o território é uma forma de transformação social, pois promovem debates, decisões conjuntas, relacionados a cultura e a uma sociedade, sendo de forma participativa interligando a todos. mesmo sendo uma tarefa desafiadora.

Portanto, observa-se que desenvolvimento não se confunde com mero crescimento econômico ou progresso material ilimitado. Trata-se de um conceito orientado à garantia da qualidade de vida e do avanço material dentro dos limites naturais. Pressupõe a racionalização eficiente da organização social nos âmbitos econômico, político, ideológico e cultural para ordenar os processos de produção, distribuição e consumo, visando à realização do ser humano em consonância com a natureza (Antunes, 2004).

As contribuições da pedagogia freireana, as práticas tradicionais e o desenvolvimento local na Rota Bioceânica apresentam interfaces que se complementam:

- 1. Educação dialógica e saberes populares:** Freire enfatiza a necessidade do diálogo com a cultura popular, o que se conecta ao reconhecimento do benzer, curar e rezar como práticas legítimas de produção de conhecimento.
- 2. Identidade cultural e resistência:** tanto Freire quanto às práticas tradicionais apontam para a valorização da memória coletiva e para a resistência diante de processos de opressão e homogeneização cultural.
- 3. Desenvolvimento local humanizado:** a integração proposta pela Rota Bioceânica só será sustentável se incluir, além da dimensão econômica, o fortalecimento das identidades e dos patrimônios imateriais.
- 4. Reflexão crítica frente às transformações geopolíticas:** a pedagogia do oprimido contribui para que as comunidades reflitam sobre as implicações da integração regional e possam agir de forma ativa e emancipatória.

4 PROPOSTA DE PESQUISA SOBRE O TEMA

O reconhecimento das práticas tradicionais como elementos de identidade e desenvolvimento local carece de maior aprofundamento científico, especialmente no contexto

da Rota Bioceânica, que envolve transformações territoriais e culturais significativas. Investigar como as práticas de benzer, curar e rezar se articulam com os processos de desenvolvimento local nas comunidades situadas ao longo da Rota Bioceânica em Mato Grosso do Sul.

Esse corredor de integração territorial e econômica envolve transformações significativas, que não se limitam ao campo material, mas atingem dimensões culturais e simbólicas das comunidades locais. Assim, compreender a presença e a ressignificação das práticas de benzer, curar e rezar nos municípios de Mato Grosso do Sul (MS) constitui um desafio necessário para a análise do desenvolvimento local.

Investigar essas práticas permite vislumbrar como os saberes ancestrais contribuem para a construção de identidades locais e como resistem ou se transformam diante das novas realidades econômicas e culturais trazidas pela Rota. Nesse sentido, a pesquisa proposta tem como objetivos identificar os sujeitos sociais envolvidos na transmissão desses saberes, analisar o papel do benzer, curar e rezar na constituição da identidade cultural local, examinar as interfaces entre práticas tradicionais e políticas de desenvolvimento regional e, por fim, propor estratégias de valorização e preservação desses saberes como patrimônio cultural imaterial.

A abordagem metodológica será de caráter qualitativo, utilizando o estudo de caso em municípios estratégicos da rota, com destaque para a cidade de Porto Murtinho, que faz divisa com o Paraguai. Para tanto, serão aplicadas entrevistas semiestruturadas com benzedeiros, curandeiros, lideranças comunitárias e gestores públicos, bem como realizada análise documental e revisão bibliográfica. O tratamento dos dados se dará pela análise de conteúdo, buscando emergir categorias que revelam a importância cultural e social dessas práticas no contexto contemporâneo.

O questionamento teórico que sustenta a proposta de pesquisa busca compreender como os saberes ancestrais de benzer, curar e rezar podem contribuir para a construção de identidades locais, ao mesmo tempo em que dialogam com instâncias de consumo e apropriação urbana. Nesse processo, interroga-se de que forma tais saberes se mantêm e se transformam, e quais suas possíveis interfaces com a Rota Bioceânica e o desenvolvimento local.

Parte-se da hipótese de que as práticas tradicionais, ao serem reconhecidas como patrimônio imaterial, funcionam como elementos de resiliência comunitária e coerência identitária diante das mudanças desencadeadas pela integração regional. Mais do que isso, sugere-se que possam constituir caminhos alternativos de desenvolvimento sustentável, por estarem profundamente enraizadas no universo cultural das comunidades que as preservam.

Assim, a pesquisa pretende identificar, mapear e analisar as formas dos saberes ancestrais e das práticas tradicionais no Mato Grosso do Sul, compreendendo-os como componentes centrais das territorialidades locais. Desse modo, entende-se que a valorização de tais práticas pode não apenas reforçar a coesão social e a memória coletiva, mas também servir de base para políticas públicas voltadas à promoção de um desenvolvimento local que respeite a interculturalidade e a diversidade cultural da região.

Pontos de destaque para o trabalho:

- Identificar os sujeitos sociais envolvidos na transmissão das práticas tradicionais;
- Analisar o papel do benzer, curar e rezar na construção da identidade cultural local;
- Examinar as interfaces entre práticas tradicionais e políticas de desenvolvimento regional no contexto da Rota Bioceânica;
- Propor estratégias de valorização e preservação desses saberes como patrimônio cultural.

A pesquisa terá abordagem qualitativa, fundamentada em estudo de caso em municípios estratégicos da Rota Bioceânica. Serão aplicadas entrevistas semiestruturadas com benzedeiros, lideranças comunitárias e gestores públicos, além da análise documental e revisão bibliográfica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas tradicionais de benzer, curar e rezar configuram-se como expressões culturais que resistem ao tempo e preservam vínculos identitários e comunitários. No contexto da Rota Bioceânica, não devem ser vistas apenas como vestígios do passado, mas como elementos dinâmicos capazes de contribuir para o fortalecimento do desenvolvimento local.

Reconhecê-las como patrimônio imaterial significa compreender que a integração regional não se sustenta somente em infraestrutura logística, mas também na valorização da diversidade cultural.

A proposta de pesquisa delineada ao longo deste artigo indica a necessidade de maior diálogo entre saberes tradicionais e políticas de integração regional. Esse diálogo amplia a compreensão de que o desenvolvimento local, ao incorporar dimensões culturais e espirituais, torna-se um processo inclusivo, solidário e enraizado na realidade das comunidades. Nesse sentido, a Rota Bioceânica pode ser entendida não apenas como um corredor de mercadorias, mas como ponte cultural e espiritual entre povos, territórios e modos de vida.

Mais do que reparar invisibilizações históricas, incluir as práticas de benzer, curar e rezar nas agendas de cultura, turismo e saúde representa um caminho inovador para políticas públicas orientadas pela convivência, pelo cuidado e pela sustentabilidade. O desafio que se impõe está em articular modernização e preservação: garantir que a expansão das infraestruturas caminhe lado a lado com o respeito aos modos de vida tradicionais e com o protagonismo das populações locais.

O estudo evidenciou que, para além de seu valor espiritual e terapêutico, essas práticas apresentam interfaces significativas com o desenvolvimento local. Elas reforçam a identidade cultural, favorecem a sustentabilidade comunitária e ampliam a legitimidade dos processos de integração regional em um cenário de intensas transformações geopolíticas. A partir das contribuições de Freire, Bakhtin, Foucault e Lima, percebe-se que tais práticas devem ser compreendidas como processos de resistência, enunciação e emancipação cultural.

A pedagogia freireana oferece subsídios para reconhecer o benzer, o curar e o rezar como práticas pedagógicas e emancipadoras, pois reafirmam a memória coletiva e a espiritualidade comunitária. Em diálogo, a filosofia da linguagem de Bakhtin (2014) destaca a dimensão enunciativa dessas práticas, entendidas como discursos vivos que reconstroem identidades. Já a arqueologia do saber de Foucault (2015) contribui para desvelar os conflitos de poder e as disputas discursivas que permeiam o processo de integração regional. Finalmente, os registros de Lima sobre as benzedeiros demonstram como tais práticas constituem redes de cuidado comunitário, enraizadas no cotidiano das populações.

Segundo Souto e Augusto (2023), no livro *Banhos e Rezas: aprendendo como benzer*, o processo de cura do corpo e da alma constitui uma dimensão fundamental da evolução espiritual do ser humano. Nesse contexto, as plantas desempenham papel essencial ao oferecer suas essências para o restabelecimento energético, promovendo não apenas o equilíbrio físico, mas também a paz de espírito e a harmonia interior. Assim, a prática do uso de ervas, associada às

rezas e aos rituais de benzimento, configura-se como um caminho para a busca de tranquilidade, espiritualidade e bem-estar integral.

Assim, o benzer, o curar e o rezar não se reduzem a atos de fé, mas operam como dispositivos de resistência cultural que asseguram pluralidade, humanização e inclusão no processo de integração latino-americana. Reconhecer essas práticas como parte das estratégias de desenvolvimento local significa construir um modelo de integração que não apenas conecta territórios por vias terrestres, mas também articula memórias, identidades e espiritualidades.

Portanto, diante das transformações geopolíticas impulsionadas pela Rota Bioceânica, o desenvolvimento local deve ser concebido como processo integral, articulando dimensões materiais e imateriais, econômicas e culturais. Somente assim será possível garantir às comunidades o protagonismo na construção de sua própria história e consolidar a integração regional como projeto inclusivo, sustentável e enraizado na diversidade latino-americana.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. Do crescimento econômico ao desenvolvimento humano em tempos de globalização. *Revista Lusófona de Ciências Sociais*, Lisboa, n. 1, p. 73-83, 2004.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BLOSS, W. O turismo rural na transição para um outro modelo de desenvolvimento rural. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. *Turismo Rural*: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p. 199-222

BOISIER, S. *Desenvolvimento (local)*: de qué estamos hablando? Santiago: CEPAL, 2001.

DIAS, R. *Turismo e patrimônio cultural*: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

GONÇALVES, D. F. *Turismo de experiência, culturas e desenvolvimento*: uma relação possível para o Pantanal Mato-Grossense na sub-região de Miranda? 2016. 288f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, 2016.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LIMA, I. S. *Benzedeiras*: fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

MATTEDI, M. A. Pensando com o desenvolvimento regional: subsídios para um programa forte em desenvolvimento regional. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, Blumenau, v. 2, n. 2, p. 59-105, jun. 2015.

MAZUEL, L. Patrimônio cultural e turismo rural: o exemplo francês. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. *Turismo Rural*: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p. 95-115.

NASCIMENTO, D. G. *Tradições discursivas orais: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, E. R. *O que é benzeção?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRIORE, M. D. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: PRIORE, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOUTO, C.; AUGUSTO, P. *Banhos e Rezas aprendendo como benzer*. São Paulo: Editora Rochaverá Ltda, 2023.

VERGER, P. F. *Orixás deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

WALSH, C. Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de) coloniales de nuestra época. Quito: Ediciones Abya – Yala, 2009.

Sobre as autoras:

Débora Fittipaldi Gonçalves: Pós-Doutora em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Pós-Doutora em Turismo pela Universidade Nacional de Jujuy. Doutora e mestre em Desenvolvimento Regional pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Turismóloga pela UCDB. Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). Professora e pesquisadora do Curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Culturas e Turismo (GEPECTUR/UEMS/CNPq). **E-mail:** defittipaldi@uems.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-4664-8174>

Antonia Raquel Lima Camargo Zottos: Mestranda em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Especialista em Trabalho com Famílias pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). Graduada em Serviço Social pela UCDB. Integra o Grupo de Pesquisa da Rota Bioceânica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), o Grupo de Estudos e Pesquisas em Culturas e Turismo (GEPECTUR/UEMS) e o Grupo de Economia Criativa, Aprendizagem e Solidariedade Ativa na Dinâmica Territorial (UCDB). É servidora pública concursada da Secretaria de Estado de Assistência Social e dos Direitos Humanos desde 2005, atuando como gestora de ações sociais. Possui experiência em Assistência Social e Educação Superior, com ênfase na gestão do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), direitos humanos e educação permanente. Na UEMS, atuou como coordenadora administrativa da Tecnologia Social Universidade da Maturidade (UMA) e no setor de acolhimento a refugiados, migrantes e apátridas. Atualmente, desenvolve atividades vinculadas à Rota Bioceânica (RILA), abrangendo temas como direito, inovação, integração, educação, memória, transculturalidade, turismo, sustentabilidade, saúde, fronteiras, negócios, transportes, agronegócio, biossegurança, ciência, tecnologia, patrimônio, sociedade e cultura. **E-mail:** antonia.zottos@uems.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0002-3961-0300>

Nair Gonçalves Rech: Mestranda em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Licenciada em Matemática pela UCDB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Culturas e Turismo (GEPECTUR/UEMS/CNPq). **E-mail:** treinamentosnr@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0007-5269-3098>

Kelly Vanessa Teixeira: Mestranda em Geografia. Especialista em Governança e Inovação no Turismo. Turismóloga. Servidora pública da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Culturas e Turismo (GEPECTUR/UEMS/CNPq). **E-mail:** kelly.teixeira@uems.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0001-8177-6374>

Editores Avaliadores do artigo: Gilmar Marques e Rafael Henrique Dias Manzi

Editores-chefes Responsáveis pelo artigo: Arlinda Cantero Dorsa e George Henrique de Moura Cunha

Disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.